

conto premiado - 3º lugar

Pseudônimo: Raquel Oliveira

O sopra

Gabriela G. Gazzinelli

Graduando em Letras

Olhava-se no espelho com aqueles olhos morteiros, diziam alguns de uma indolência ímpar. A noite já caíra pelo céu esfumaçado. Estrelas? Avistavam-se apenas as luzes urbanas, os céus tampados pelos edifícios em luta para se sobreporem uns aos outros, em busca de ar. Entrava no quarto apenas uma claridade avermelhada do prostíbulo atravessando a rua. Contaminava todo o quarto, dando-lhe um ar decadente, aos móveis baratos, à poeira acumulada que seguia rente ao rodapé, ao cheiro de mofo misturado com um cheiro de canela, ao espelho com moldura dourada. Ela se via no espelho rachado apenas vagamente, um perfil contra a janela. Algumas linhas que compreendiam um raso contínuo e rubro. Sombra, silhueta, era como se sentia, uma vaguidão errante e retirada do mundo. Vagas, vagas, varrem castelos sem deixar rastros. Ladainha de infância. Aquela marginalidade impunha-lhe essa vida à deriva. Ria com uma certa amargura daquele quarto vermelho, o que mais poderia a vida me guardar?

Tinha uma das suas habituais enxaquecas. Esfregava os olhos loucamente para puxar a dor pelas raízes. Mas com isso apenas tornava a vista ainda mais vermelha. Esse, porém, um vermelho mais espesso que aquele diáfano que atravessava a rua. Visceral e latejante. Nesses instantes, em que enxergava através do filtro de seu sangue, parecia-lhe que seu corpo se estendia por todo o alcance de sua vista. Mesmo o ar lhe doía, como se continuasse as temporadas que ela sentia perfuradas pelo cinzel. Veio-lhe o agouro do nó em

que, dentre instantes, se faria o estômago, como se estivesse em vias de ser digerido pelo suco gástrico. Deitou-se, depois de ter engolido duas aspirinas.

Sentia o corpo frio e rijo como se fosse de pedra, um mármore poroso. Talvez estivesse em vias de enlouquecer. Desde poucos dias, podia dizer com precisão, catorze dias, começara a se dar essa metamorfose. O calor começou a lhe fugir, não havia fogo ou mantas que lhe bastassem. Tremia todo o tempo, acordava com o corpo dolorido de dormir encolhida, enroscada para se aquecer, sob cobertores mais cobertores. Dos últimos dias para cá começara a perceber que sob sua pele estava começando a se formar uma camada dura, como se calcária, a se espalhar a partir das extremidades de seu corpo. Uma definição pétrea ia aos poucos delimitando o seu corpo antes volúvel como uma fumarola.

Conversara com Pedro, Pedro que queria tirá-la dali, que sempre, ao entrar em seu quarto, descia as cortinas para atenuar a luminosidade vermelha do bordel que o incomodava exageradamente. (Ou será que abaixava as cortinas em antecipação a possíveis infortúnios, para não ser avistado no quarto?) Ele a abraçara tentando lhe aquietar o corpo trepidante. O corpo cálido e humano de homem parecia reforçar o frio que ela sentia vindo do seu cerne, não de fora. Era um frio medular, como se aquecer? Ele murmurava para que se acalmasse, que todo criador em algum ponto acabava por se confundir com a sua obra. Fechava-lhe os olhos com a mão calejada. Venha, tente descansar, isso é apenas fadiga. Curvava os ombros largos para abrigá-la em seu regaço. Solte o corpo, vamos. Contia o tremor, fingira uma certa serenidade para não decepcioná-lo. Ele acreditou tê-la deixado adormecida, sob as cobertas, com um beijo na testa. Colocou sobre a mesa algum dinheiro para que ela comesse mais tarde.

Agora refletia sobre o que ele dissera, criador e obra, escultora e escultura se confundindo. A sua gradual petrificação começara justo quando se entregara a uma nova peça. Chegara para ela, no atelier que compartilhava com alguns outros artistas, um bloco que não se lembrava de ter encomendado. Era de um branco selênico que tinha um brilho tênue na noite. Alisara-o, tomada por um encantamento por aquela pedra sem falha alguma, nenhum risco sequer. As pontas de seu dedo, que varriam a extensão do mármore, sentiram-se fervilhar por alguns instantes. Entregou-se ao trabalho. Bem no princípio do seu contato com aquele bloco, deitara a cabeça sobre a pedra devido à exaustão. Escutara um choro baixo e grave, como se alguém fosse prisioneiro dentro daquela pedra. Descrente, levantara a cabeça e a encostara

de novo, para ver se o afugentava. Para seu assombro, o choro persistiu. Persistira durante aqueles dias todos. Foi então que começou a ser devorada pela pedra. Trabalhava horas a fio sobre ela, sem se dar conta do passar do dia. Era como se estivesse tentando libertar alguém prisioneiro naquele bloco e, se tardasse, não era uma escultura que iria às ruínas e sim uma vida que se perdia.

Sem que soubesse muito bem como, um unicórnio com feições humanas ia tomando forma. Para ela, desde a juventude, o unicórnio fora sempre um ícone do amante. Agora, depois de anos, sentia o corpo de pedra quente sob suas mãos, como se fosse o corpo do amante. Tinha a impressão que poderia enfiar os dedos no emaranhado da crina do unicórnio. Quando passava as mãos sobre o corpo branco, jurava que sentia os músculos tesos por debaixo da fina pele de pedra. O corno que apontava para os céus parecia ao tato fibroso, como se fosse orgânico. Suas mãos iam reencontrando aquelas formas e superfícies sem mesmo precisar dos olhos ou da mente, apenas valendo-se das pontas dos dedos. Era como uma sonâmbula a tatear, a cada instante por se ferir, mas sempre salva por um triz.

As pessoas se admiravam com aquela escultura que a cada dia ia se fazendo mais viva. Mas à medida que sua obra ia ganhando essa vitalidade, a própria escultora definhava. O sangue lhe fugia, estava pálida como o mármore que trabalhava. Olheiras profundas iam comendo-lhe o rosto. Mesmo respirar, que sempre foi o mesmo que viver, lhe era difícil, sua respiração vinha arquejante. Emagrecia a cada dia, os ossos começavam a apontar por todo o corpo. Parecia mesmo estar encolhendo, como se secasse aos poucos. Tentavam fazê-la comer e dormir, levavam-lhe agrados, arrancavam-na do trabalho e a deixavam em casa. Mas eram esforços vão pois nada parecia conseguir deter aquela degeneração que a ia consumindo.

Sentira, durante todo o tempo em que trabalhara sobre o unicórnio, a pedra palpitar, como se o sangue corresse sob o branco, como se os pulmões se enchessem de ar e como se os olhos estivessem a piscar. Por mais que esfregasse os olhos não conseguia afastar a visão da rede viva de vasos sob a pele marmórea. Não pode ser, não pode ser, não pode ser. A pedra é bruta, não tem vida. Repetia sem pensar. Anestesiava a mente com essa sequência de palavras. Ela, por sua vez, estava a cada instante mais imóvel, como se fosse uma das suas estátuas. Como se fosse ela de pedra, e o unicórnio de carne. Seus olhos já não piscavam, o ar não lhe bastava, por mais fundo que respirasse, a escultura tomava-lhe o sopro, sufocava-a aos poucos. Sentia o

corpo pesado, como se o sangue não mais o surpreisse. Talvez não havia sangue que desse para dois, para uma mulher e seu amante. Passara ela a pertencer ao mesmo mundo que todas aquelas suas criações?

Agora, faltava apenas polir o unicórnio. Com a sua progressiva calcarização, a escultora começou a perceber mal as coisas, como se seus olhos estivessem também petrificados, a enxergarem apenas por meio de imagens atribuídas pela memória, escolhendo ao seu bel-prazer representações para os vultos que vislumbrava através das lentes cristalizadas. As pessoas ao seu redor se desencarnavam em esboços de grafite, ou blocos de ônix mal começados, sem feições nítidas, com buracos para os olhos e, por vezes, eram transparentes como aquarelas. Era-lhe muito difícil se orientar naquele mundo povoado pelo onírico, apesar de ter os olhos bem abertos. Tampava-os e escorriam lágrimas, vermelhas como tudo mais no quarto. O seu quarto se fragmentava em cadeiras pela metade (óleo sobre tela), réstia de luz em pincelada espessa, de tinta carregada em que a luz ganhava corpo, poças de bronze (cromado). Aquela visão de lágrimas sangüíneas a desvairava, como se dissesse está sendo consumida por sua infelicidade, mesmo suas lágrimas jorram em sangue. Precisava de repouso. Deitou-se abraçando as cobertas, imaginando que fosse o unicórnio a lhe dar consolo, a dizer-lhe que quando despertasse pela manhã estaria como antes a querer apenas um banho e um café quente, que todos os artistas por vezes se confundem com sua criação, que uns acreditavam serem capazes de matar Golias enquanto outros começavam a se acreditar um fauno, um peixe ou mesmo um unicórnio.

Imaginou ouvir no corredor os passos dele. Qual era mesmo o seu nome? Queria dizer rocha. Ele vinha de antes. Aliás, por algum motivo era dele toda a culpa. Era ele quem era o unicórnio. Tinha um olhar opaco, como se os olhos fossem pequenas pedras e tinha também o corpo quente. Ela não gostava da forma como ele a olhava agora. Aqueles olhos eram muito escuros, não deixavam transparecer a menor faísca de sentimento. Afagava-lhe o cabelo com dedos obtusos que pareciam tamborilar sua cabeça já tão machucada. Será que tentava penetrar em sua cabeça? Ver-lhe os pensamentos? Dizia para ela que se esquecesse daquela escultura, que a destruísse. Teria ele ciúmes do Unicórnio? Tolo, murmurava, é como ter ciúmes da própria sombra. Tentava se explicar, mas de sua garganta dura e seca saíam apenas rangidos, as cordas vocais em estado de pedra, incapaz de cederem à mobilidade que pede a voz. Mesmo a boca ia se selando, como se a fenda que existisse entre os lábios fosse apenas uma simulação numa superfície contínua de mármore.

A cada instante, ia se tornando mais dura, era mais difícil reconhecê-lo, tinha que se esforçar para lembrar o seu nome.

Ela sentia tanto medo. Tanto medo das sombras de monstros no horizonte (carvão sobre carvão). Tinha a impressão que a rígida mãe com seu olhar condenador ia de súbito abrir a porta e descobri-la sob um homem e ralhar com ela em sua voz metálica. O olhar de uma límpida esterilidade azulada parecia dizer, não fazes justiça à nossa linhagem de mulheres belas e fortes, você a do rosto lavado com cílios transparentes. Já é hora de deixares de se imundar nesse barro e te fazeres mulher, minha filha. Qualquer vulto a paralisava, tornando-se por instantes na mulher longilínea andando em passos curtos sobre saltos finos, nanquim em papel de arroz.



ilustração Aline de Cássia

O homem de pedra, amante licórnio, com seu rosto marcado pelas marteladas sobre a pedra ia gentilmente a levando consigo para que se alimentasse. Murmurava palavras reconfortantes que não conseguiam impedir a dor. Não conseguia encará-lo, com seu brilho selênico de mármore contraposto ao chuviscado de fundo. Me deixa, me deixa. E sua mão aberta, com dedos radiais, estava erguida à sua frente para sombrear seus olhos. Da janela projetavam-se sombras das árvores na rua, verticais e cubistas. Se aproximou da janela numa última busca por chão, pela suavidade da transição entre luz e sombra. Avistou postes que projetavam a luz parecendo recortados de preto e amarelo e os prédios sob luz branca de hidrogênio estilhaçavam-se em mosaicos (matizes de cinza).

A esparsa luz do quarto parecia se concentrar inteiramente no espelho, fazia suas retinas arderem. Pressionava suas pálpebras com força, a dor continuava. Entrevia pelas fendas dos olhos quase fechados o seu rosto em pedra bruta, com os traços. Não hesitou. Pegou um pequeno bloco de ônix aos seus pés. Sentiu o peso e a dureza da pedra. Era um bloco escuro e bruto, se recusava a se tornar vermelho apesar. Sentia-o frio em suas mãos febris. Jogou o bloco contra o espelho que se despedaçou, formando uma poça de gotas pontiagudas aos seus pés. Mulher se banhando?